



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX—N.º 496—Preço 1800
16 DE MARÇO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



FACETAS DE UMA VIDA

Depois daquela longa e linda carta últimamente publicada, não resisto a esta, embora bastante íntima e ao tempo, confidencial.

É de 27 de Fevereiro de 1928 e relata a profunda impressão que lhe deixara na alma a passagem de P.e Mateo por Coimbra.

Essa impressão foi realmente tão profunda que tantos anos depois, várias vezes lhe ouvi aludir com um entusiasmo renascido, como de quem venceu o tempo e se transportou à presença entusiasmante.

«Antes da Páscoa não tencionava escrever, e então fá-lo-ia com uma pequena conferência e cópia da minha l.ª prática ao público, que te ofereço, o que de resto conto fazer, mas um caso leva-me a escrever esta extraordinária.

Preparação para o caso. Tenho-te dito que há-de participar da hóstia consagrada, na 1.ª missa que aí celebrar. A minha convicção a este respeito é tam segura, como seguro é tudo quanto sai de meus lábios ou melhor, de m/ coração. Há-de ser meu. Porquê? Não concerteza pela minha eloquência nem inteligência: isso são detalhes. Mas porque Deus te reclama, e Ele é que transforma. Há ainda outra ocasião mais próxima da tua transformação, mas, nota, sempre ocasião (não causa), qual é a da transfusão de sangue! Sim. O facto fisiológico há tempos descoberto, é o velho factor de solidariedade na economia da vida cristã! Jesus Cristo foi o primeiro a derramar sangue, salvando-nos e nós hoje, como há 20 séculos, salvamos uns aos outros pela transfusão de sangue real (martírio) e sangue místico, que também é real no sacrifício quotidiano, e este é o meu caso contigo. Há-de ser meu fatalmente, tu e outros que muito me importam, não seguramente pela minha palavra nem sacrifício, mas porque Deus vos reclama e é Ele quem transforma.

O caso extraordinário segue agora e por isso mesmo que o é, não consinto que faças uso desta. Padre Mateo é um sacerdote americano que anda pregando por toda a Europa, em todas as línguas. É um génio de santidade como os há nas artes, letras, armas, etc. Impossível dizer o que ele diz, como diz, e como impressiona. Deu aqui 3 conferências a intelectuais, na n/ sala nobre, que comporta 700 pessoas, sempre à cunha. A última não fui. Desejaria imenso ir. Oh, sim. Desejara. Não fui. Um sacrifício. Durante a conferência «cotversei» com Deus, de joelhos. Pedi para que aqueles intelectuais vissem todos o que eu dantes não via e agora vejo. Mas pelo menos um, Senhor, disse eu. Sequer um, dos mais sábios e mais desgraçados. No final da conferência aparece um cavalheiro, Dr. X, deu-me o cartão, e o que se passou entre nós ninguém o saberá. No dia seguinte, sábado, levava-o ao quarto de Padre Mateo e no dia seguinte ainda, Domingo, na falange de 492 intelectuais que comungaram à Missa do Padre, ajudando Dr. Y e um quintanista de Direito, vi o meu herói, que no fim, às escondidas, com os olhos marejados, me agradece tamanho favor. Eis o caso.

Oh, nunca! Não! Homens que eu nunca vi, doutores em leis, abraçam-me em extasis de alegria e os queridos irmãos, os meus íntimos amigos, não continuam vivendo, sentados na sombra da morte?! Nunca! Não!

Hás-de; haveis de ser meus.

Padre Mateo cuida eu que segue para o Porto, pregar. Não te recomendo que o vás ouvir. As multidões que o seguem são esmagadoras; é muito incómodo para ti. Mas que lhe fales em particular, isso quero, exijo que o faças. Ou então, e isso será o melhor, vem cá para Abril. Ele deve estar por aqui novamente, antes de se ir embora, em Maio. Proporcionar-te-ei então uma entrevista, comodamente. É um sacrifício a viagem? Tens feito tantos, por amor duma vida transitória, que muito que faças agora um, por amor da Eterna.

Importante—Tens um irmão sacerdote. Foge de cuidares que, por ele nunca ter dito nem feito o que eu faço, é pior do que eu. Esta é uma das importantes reservas que Jesus Cristo faz para si no Evangelho: — julgar os homens. Ele é quem julga e só Ele. Nós só vemos aparências e por isso é que muitas vezes a nossa justiça é uma grande injustiça. Importante, isto. Olha para as qualidades que ele, Padre, tem e que a mim me faltam. E mesmo que eu tivesse mais do que ele, isso que importa? Que temos nós, que não recebêssemos? E se recebemos tudo de Deus, porque gloriarmo-nos?

Américo»



Serenos e firmes no seu posto!

Cantinho dos Rapazes

O nosso Manel «Preto» fugiu. Recebi a notícia, momentos antes de subir os degraus do Altar para a celebração da Santa Missa. O seu chefe, pôs-me a par de tudo o que se tinha passado. Ouvi-o, em silêncio, como quem apanha um choque e já não pode falar.

Verifiquei com tristeza que o mal que quisemos curar há mais tempo, era já profundo demais e que não tínhamos descoberto o remédio eficaz para o debelar. Está aqui, sem dúvida, uma das causas de sofrimento de quem quer educar conscientemente. Ter diante de si um mundo de problemas; experimentar soluções várias sem resultado—custa muito e faz sofrer. Este é um dos espinhos do educador.

O «Preto» não resistiu e deixou-se vencer pela tentação e fugiu. Preferiu a liberdade com letra pequena, aquela liberdade

P.e Acília Continua na página TRÊS

Setubal

Estava decidido a não fazer festa. Aquelas clareiras no Luis Tody o ano passado ficaram-me na memória. Receava cansar. Expus as minhas hipotéticas razões aos rapazes. Tudo contra mim.

Quem quer ensaiar? As mãos à uma no ar, num gesto característico das nossas comunicações, decidido e espontâneo, afirmavam-me o borbulhar alegre dum desejo cuja satisfação se vai tornando tradicional. Eu também queria a festa, e tenho a certeza de que todos os nossos amigos anseiam por ela. Por isso fiz-lhes mais uma pergunta: — Quem vai vender bilhetes?

O meio do tribunal encheu-se e de tal maneira, que eu tive de fazer a escolha aos vendedores.

Mais do que qualquer cidadão do país, Setúbal precisa desta reunião. O número dos nossos amigos tem aumentado pouco e as casas são sempre as mesmas, bem como as mãos escondidas. Para a maior parte dos Setubalenses o Padre Américo é uma figura quase mitológica e a Casa do Gaiato algo de irreal. O nosso Jornal é posto de lado como pajela de sacerdotia e as carteiras fecham-se à espera que outros aguentem uma obra que se alarga cada vez mais.

Aí andam os vendedores, como apóstolos à conquista de amigos para a Obra da Rua e

para a Santa Igreja. A nossa festa vai ser um convívio em que toda a Obra da Rua quer dar e receber.

FESTAS

Cheguei ontem de Lisboa. Júlio fervia: «Amanhã ou depois, o Coliseu deve ficar esgotado». O amanhã ou depois é quase uma semana antes da festa ser.

Eu não fervero... ou finjo que não me queimo nas ferveras do Júlio, mas não posso deixar de permanecer em acção de graças pela amizade que esta corrida à bilheteira, representa da parte do nosso público que é o grande público.

E, por isso, naquela mesma hora Júlio arrancou o meu assentimento ao projecto de que falei uns números atrás, a primeira vez que este ano n' «O Gaiato» se escreveu das festas: Um segundo espectáculo em matinée, para aqueles que não tiveram bilhete para o primeiro e para as crianças entre os 6 e os 12 anos, que a este não puderam assistir por ser à noite.

Assim, fica marcado o domingo 7 de Abril às 18.30. Júlio quer e espera que o Coliseu se encha segunda vez. Por isso me informou: «Eu vou já aproveitar a procição de lágrimas que vai ser esta semana no regresso do Espelho da Moda, e das bilheteiras do Coliseu. A esses dá-se-lhes logo o prémio de consolação: um bilhete para o primeiro e para as crianças entre os 6 e os 12 anos, que a este não puderam assistir por ser à noite.

Isto diz o Júlio. Ele lá sabe. Em questões de Festas eu cá não digo nada. Digo mas é com eles, que Júlio e Américo são, na verdade, a alma e o motor das nossas Festas.

E aos leitores de Coimbra, Lisboa e Setúbal, que não-de ler estas regras antes da sua Festa, eu digo: metam-se em brios, andem, e não deixem ficar mal as suas Casas do Gaiato.

COLISEU

Domingo, 7 de Abril

Às 18,30

DO

PORTO

Os bilhetes para a nossa segunda festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu.

Colaboração

Ela aí vai, em quantidade mais abundante do que é costume. Foi assim: ao seleccionarmos as cartas que apresentámos no jornal de aniversário, ficaram tantas, tão deliciosas de gosto, que não resistimos a esta boa tentação: dar largo lugar aos colaboradores de sempre que são os nossos leitores.

Ei-los:

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

«Desde que me encontro à frente deste estabelecimento de Assistência, há anos, sempre tive a alegria de receber e dar a ler aos meus rapazes O GAIATO. Ele, pelo que é e pelo que diz, deve ser o jornal de todos os portugueses, mas tem de ser nosso muito especialmente. Também aqui é casa de gaiatos e rapazes vindos da rua.

Perante o aviso que recebi, fiquei na dúvida se alguém terá pago a assinatura até à data referida, ou, como supunha, se recebíamos o jornal como oferta.

Em qualquer dos casos venho pedir o favor de continuarmos a receber gratuitamente O GAIATO.

Pedia ainda outro favor: mandar mudar o endereço para INTER-NATO DISTRIAL, pois é este o nome actual. Tinha razão o nosso querido P.e Américo, quando falava dos asilos. Pois aqui começou-se pela troca de nome para facilitar outras trocas que se impunham. Quando tiver oportunidade visitarei Paço de Sousa, no desejo de ver, ouvir e aprender e de desabafar também...»

«Começo por lhe pedir perdão por tão longo silêncio não justificado. Se bem que não seja propriamente Gaiato sempre me senti muito ligado à Obra e com um certo dever de consciência e de piedade para com V. em tê-lo ao corrente da minha vida, pois tantos favores devo a essa bendita Obra. Nem sei quando lhe escrevi a última carta nem o que lhe disse. Contudo considero-me desculpado e passo agora a dar algumas notícias.

Tenho a agradecer muito reconhecido o «Gaiato» que me chega tão pontual e a tempo sempre oportuno. Antigamente cheguei a considerar com «pio exagero» as exclamações e desabafos de certos assinantes pela impressão das notícias do Famoso, mas desde que estou ao longe vejo que é realmente assim. Sente-se mesmo a necessidade dele. Se por acaso atrasa um dia ou dois a ansiedade de o ver aumenta.

Como já disse outras vezes, eu depois de ler o meu, mudo-lhe a direcção e mando-o para Roma, para um meu companheiro que frequenta lá a Universidade. Como é natural, o jornal chega lá com um certo atraso, especialmente quando eu não o deixo sair sem o ler duas ou mais vezes.

Este ano, durante as férias, quando encontrei o tal meu companheiro, perguntei-lhe se estava

contente com o Gaiato. A resposta foi esta:

«Eu assim não quero continuar. Então, hem, é uma pouca vergonha! Quando cá chegou cá notícia do casamento do Ernesto Pinto já ele se tinha casado havia dois meses! Ora essa, queria mandar-lhe os parabéns e já era tarde! Eu vou mas é escrever para lá a pedir que me mandem o jornal directamente».

Eu fiz-lhe ver como a Obra é pobre e nós, além de não pagarmos e de darmos o trabalho, ainda fazemos pagar o correio. Que talvez fosse melhor continuar assim por enquanto. Mas agora, vi que como estou no último ano e não sei se no futuro o jornal continuará a vir para aqui, escrevi-lhe a perguntar se queria que continuasse a mandá-lo, ou se já o tinha pedido. Nessa mesma altura aconteceu uma coisa engraçada. Para entrar com ele disse-lhe: «Olhe que os Gaiatos casam-se por lá todos e V. quando vem a saber é já tarde».

Tudo isto serve para que o Sr. P. Carlos veja como vivemos os problemas dos Gaiatos.

Se o Sr. P.e Carlos entender que um devoto destes merece o jornal nas minhas condições, isto é, além de ser grátis tem ainda a despesa do correio para o estrangeiro, seria um grande favor se lho mandasse.

Por outro lado talvez fosse o primeiro assinante de Roma. Não

há dúvida que seja um leitor assíduo, que sente em si os problemas da Obra, embora se exprima numa maneira tão cómica como aliás é seu costume em tudo, devido a um temperamento muito alegre e feliz. Digo-lhe ainda mais que é ele mesmo quem uma vez me disse que se tivesse conhecido o Gaiato mais cedo tinha ido para lá, conforme mandei dizer numa carta que teve a honra das colunas do Famoso com minha surpresa.

Agora noticiuzinhas cá do rapaz. Talvez já o Sr. P.e Baptista lhe dissesse que sou subdiácono e que no próximo dia 22, receberei o Diaconado.

O Presbiterado será no dia 30 de Março, se Deus quiser. Não seria preciso dizer-lhe mais nada para saber como me encontro. Muita alegria, mas sem faltar o tempero de um pouco de amargura. Aquele temor e ansiedade como é natural. Depois a incógnita da destinação que há-de

vir em Junho, pois é dela que depende o futuro da nossa vida e muitas vezes, conforme ela for, é preciso começar do a b c. Mas não faz mal, não me amedronta isto; nem me aterroriza tão pouco a indignidade. Quem me chamou sabia quem ou o que eu era, mas o que mais me impressiona é o temor de não vir a ser bom dispensador e que por minha culpa nem todos os que estão reservados cheguem à Casa do Pai. Mas há-de ser o que Deus quiser.

Já tive a dita de ouvir algumas conferências de alguns Bispos que saíram há pouco do Concílio. Que impressão! Que exame! Fiquei porém muito contente ao ver que afinal já há muito vinha actuando em certo modo dois dos temas de grande peso no Concílio: SERVIR, a Santa Igreja «non est Domina sed ancilha». E estou: espírito de pobreza. Já me sentia nesta orientação; espero intensificar. E tantas outras coisas tão lindas que certamente saberá.

O FAMOSO

«Isto já passava a ser vergonha, fazendo propaganda tremenda do vosso jornal, enchendo o ouvido dos outros de que «O Gaiato é que é», para o ler pendurava-me na assinatura de um meu irmão, que... nem bom pagador é.

Hoje, vai a minha direcção + metade da nota, para pagamento de alguns mesitos.

A outra 1/2... Bem, ela não dá nem para pagar a falangete do seu dedo mais pequeno. Entretanto, houvesse mais interessados em tapar ossos, e a sua mão ficaria cheia — cheia, para encher o Manuel Laranjeira».

«Junto envio 100\$00 para satisfazer a assinatura do «Famoso» que leio sempre com carinho e amor.

Que desgosto sinto por não me ser possível contribuir com muito, para tão Santa Obra, mas estou crente que o bom Deus não os afundará tocando o coração daqueles que podem ajudar-Vos».

«Se soubessem o apreço que dou ao vosso jornal...! Não calculam a satisfação com que o leio. Não tenho tempo de dia, leio à noite quando me vou deitar».

«Junto envio em vale 65\$00 para pagamento do pano que recebi, pedindo desculpa da demora no enviar deste vale, e aqui vão as minhas explicações.

Recebi o primeiro aviso, mas como tinha pedido para que o pagamento fosse feito contra reembolso, fiquei à espera.

Isto porque não li o aviso, como devia, em que vinha bem explicado que tinha de se ir buscar aqui à estação de Entre Campos.

Peço portanto muita desculpa.

Fui bem castigado porque tive de pagar pela armazenagem 30\$00, o que achei muito bem feito e justo, pois todos têm o dever de ler com atenção os avisos, e mais comunicados que recebem.

O pano é muito bom, muito bem tecido, e fiquei completamente satisfeita, com a encomenda, que repetirei,

e recomendarei a minhas amigas, mostrando-lhes esta que recebi».

«Depois de uma «ausência» muito grande aqui estou por fim, e graças a Deus, a desobrigar-me — em parte — esperando poder fazê-lo com certa regularidade até pagar tudo quanto devo dos meus aumentos de ordenado dos últimos anos.

Ainda que o vale vá em meu nome é favor pagarem-se de todos os postais referentes aos v/livros e que só devem enviar de futuro em nome de minha mulher (o postal está marcado) a qual é também a assinante oficial do Gaiato, devendo os sobejos do vale (sobeja?) pagar(?) a assinatura do Gaiato. De futuro quando enviar — quando puder desobrigar-me dos restantes 2.400\$00 que faltam — fá-lo-ei em nome de minha mulher para não dar origem a confusões. É assim que está certo não é verdade? Pede desculpa do atraso, agradecendo a Deus podê-lo fazer agora (é que entretanto durante estes anos vieram os aumentos é certo, ao mesmo tempo vieram os filhos—5 e um no Céu a olhar por nossa Casa)».

IRMÃOS EM CRISTO

«Não me conhece pessoalmente, mas nós temos que ser todos conhecidos, irmãos em Cristo. Trata-se dum s/c da Polícia que é

Vicentino e lê muito o vosso Jornal. É encantador vermos o crescimento da Obra. Designios da Providência na pessoa de Pai Américo. Velei o seu caixão na Igreja da Trindade, pois estive lá de serviço ainda Guarda, durante algumas horas. Todos, especialmente operários e os pobres, queriam dizer-lhe o último adeus; e as bichas eram contínuas pela noite fora. Santas recordações!... «A minha Obra só começará depois da minha morte» — e é verdade, pois que se é certo que Deus tem-se servido de V. para instrumentos importantes, nessa Obra maravilhosa, também é certo que Pai Américo junto de Jesus e da nossa Mãe do Céu está a implorar graças abundantes para todos quantos trabalham nessa espinhosa mas nobre Missão.

Perdoe-me o ter deixado falar assim o meu coração, mas creia que é pura e simplesmente testemunho sincero de quanto admiro e amo a Obra».

RELIQUIA SAGRADA

«Queridos irmãos, sou a dizer-lhes que recebo o Gaiato em minha casa com o maior carinho e respeito, como se fosse uma relíquia sagrada, porque nele vêm escritas as frases mais belas do mundo. Lamento bastante de na freguesia onde moro não conhecerem essa grande obra do nosso saudoso Pai Américo, mas eu faço o possível para conhecerem espalhando os jornais que recebo por toda à parte. Antes de terminar quero dizer-lhes duas palavras a respeito da vossa missão neste mundo, para mim que pouco conheço mas que muito compreendo, sinto que a vossa obra é de Deus, por Deus e para Deus e peço a Deus que os proteja pela vida fora, nunca cansem de trabalhar para os nossos irmãos Pobres, pois que eu apenas vivo do meu trabalho e do meu marido, mas considero-me rica; para a frente sem parar que Deus os há-de ajudar».

«Hoje mesmo fiz seguir um vale para deduzir ao meu débito com o vosso jornal de que sou assinante; pedia-lhes o favor para me informarem quanto fico a restar, que na devida altura, se Deus quiser, lhes enviarei o resto.

Deus queira que seja breve, pois eu presentemente já estou melhor com a minha vida; graças a Deus».

«Somos o assinante 17.864 e estamos em África há 3 anos, onde sempre temos recebido o Gaiato e por ele a vossa ajuda. Desculpe só agora darmos sinal de presença; este cheque é para as nossas assinaturas em atraso, para algum livro das nossas edições que nos hajam mandado e para a sua aflição de momento. E continuamos sempre em dívida. Eu, como mãe, devo muito aos «Padres da Rua» que sem saberem muito me têm ajudado a educar os meus filhos».

MONU-

20 de Março

Às 18,30

Bilhetes à venda: Montepio Geral — R. do Ouro, Ourivesaria 13 — R. da Palma e no Lar do Gaiato — R. dos Navegantes, 34 r/c, telef. 669451 e nas bilheteiras do Monumental.

MENTAL

dos leitores

Agora

Cá vai a procissão. É a primeira saída deste ano. A aglomeração de material tem obrigado o Agora a ceder a sua vez, mas desta... é agora mesmo!

Aparece já o pendão das Casas por inteiro: São aquelas duas da manhãzinha do dia 1 de Janeiro, conforme a tradição de muitos anos.

É outra que também todos os anos costuma aparecer sob a invocação de «Uma graça do Coração de Jesus» e hoje aparece em memória do agraciado de outros tempos, agora nas mãos de Deus.

Mais outra de quem se assina por Xinavane. Mais outra de alguém da Livração-Gare. E finalmente, o Tortozendo: «Ao ler o último «Gaiato» e tendo em meu poder cerca de 12 contos que me foram entregues por pessoas das minhas relações com destino a uma casa para Pobres, gostaria que esse dinheiro fosse aplicado na construção de uma casinha para a família a que o jornal se refere e cujo recorte envio.

Não sendo grande maçada gostaria de saber onde é construída e que lhe fosse dado o nome de Casa de Deus Menino».

Dobram a curva os Pessoais. São os do costume; ainda se lhes não juntou mais nenhum. Temos o do Grémio de Panificação com três vezes 190\$00 mais 187\$50 em Fevereiro. E temos o da HICA com 1911\$90, 2128\$00 e 2451\$00 de Dezembro a Fevereiro. E temos a própria Empresa com 11.771\$00, tanto quanto o seu pessoal somou no segundo semestre de 1962.

Ainda por Pessoais, mais esta: «Agora é AGORA e como na hora do Agora nós também queremos levar uma opa, embora nos toque já das velhas, porque os 50\$00 dão para poucos direitos,—esperamos não faltar com a renda mensal.

Esta primeira areia é para a Casa dos Gaiatos casados, com o subtítulo de «Graças da Obra da Rua para que os nossos pecados sejam perdoados».

Passam os das Casas para que vários concorrem: Cinquenta para a Casa de N.ª S.ª de Lourdes, o mesmo prá do meu aniversário, e outra vez o mesmo para a Casa de Santa Maria.

Vêm agora os de todos os meses: É a Maria do «Pequeno Louvre», 2 presenças. É a Mariazinha e Artur. É o dos 20\$00 poupados ao tabaco, 3 presenças. Duas delas do que pede «1 Avé-Maria pela conversão de um chefe de família». De Vilar de Andorinho 240\$00, «que são os 20\$00 de todos os meses». Mais uma «portomose» com 50\$00 e «prometo continuar, se Deus quiser, todos os meses». E a Odete, da Guarda, com as suas prestações de Novembro e Dezembro. E Maria do Resgate com 500\$00 «para ajuda da construção de uma casa sem nome!»

Finalmente, a Alda do Ribatejo, com três presenças de 70\$00, além de mais uns pozitos a outros títulos, de vez em quando.

Eis, agora, os Eventuais: Vinte do Porto, com «votos de saúde e paz para todos». O mesmo de Ovar. De Lisboa, Manuela 500\$00 e «agora, com este mau tempo, ainda faz lembrar mais quem vive em barracas. Cinquenta da Av. Dias da Silva, de Coimbra, Duzentos da Rua P.e Américo, no Laranjeiro, Cova da Piedade (Não sabia que ali havia uma rua com o nome de Pai Américo!).

Entregues no Tojal, 100\$00 de M. L., 20\$00 de Sulsena, 10\$00 do Grupo Excursionista dos contínuos e cobradores do Banco Espírito Santo. Mais 100\$00 de um Engenheiro da Av. de Roma. E seis vezes mais da Colegã, «para que mais um irmão nosso seja ajudado a sair da barraca».

E mais este, de Lisboa — Rua Silva Carvalho:

Ao saber da nulidade da cam-

panha sobre o Totobola manifestei a minha opinião de que todos os felizes contemplados com os prémios do mesmo dessem 5% sobre a importância recebida. Totalitaria aproximadamente a importância que o Património dos Pobres receberia caso se tivesse concretizado o pagamento de \$20 por boletim. Seria desonesto se ao ser contemplado não cumprisse com uma modalidade que eu próprio mencionei: Por tal motivo envio um cheque na importância de 540\$00 referente a 5% do prémio que me coube. Embora o que se recebe muitas vezes não corresponda ao que se gasta já é uma compensação de que devemos dar graças a Deus. Portanto para o que der e vier fica estabelecido que o Património dos Pobres receberá 5% dos prémios que possa vir a receber.

Como de costume desejo figurar na coluna dos anónimos pelo que peço não divulgar.

Ainda a este grupo, pertencem estes dois cujo testemunho aqui registo à parte:

Li hoje como habitualmente, o consagrado «Famoso» e nele a carta de «Ignótus», que muito me sensibilizou. Tem o meu voto «Ignótus», e, a confirmá-lo, hoje mesmo envio um vale do correio para a minha contribuição do 1.º ano, uma gota para encher o oceano dos 24.000 contos. Deus queira que a Ideia de «Ignótus» seja aprovada por todos os termos minora-dos grandes sofrimentos de muitos infelizes sem casa. Parece uma quimera mas não é. Não é menos que uma faceta do Ovo de Colombo de Pai Américo, para que ele ainda contribui, em sua actual vida noutro plano.

As casas do Ermelindo, do Manuel Laranjeira e do Eduardo ainda continuam a dar que falar.

Para o Ermelindo que «constróe a casa com sangue» pedindo-lhe, não uma gota de sangue, mas uma Avé-Maria.

Olho Marinho — N, 50\$00 para ajudar a construir a casa do Manuel Laranjeira. Para o mesmo 20\$00 de Braga, e 200\$00 de S. Mamede de Infesta.

Quando li a carta do Manuel Laranjeira, prometi logo fazer economia e juntar algum dinheiro para ajudar a fazer a sua casinha.

Mando só 200\$00 porque ando a pagar dívida dum casinha que fizemos com muito sacrifício.

Para a casa do Eduardo, 100\$00 entregues no Tojal. Para as casas de ambos, isto:

O Gaiato chegou hoje — e com ele uma lufada de ar puro e vivo de que tanto preciso! Fazia-me falta um «Gaiato» todos os dias, para me arrancar à mediocridade da minha vida de todos os dias, e me ajudar a consciencializar, e a não desanimar por causa de meia dúzia de problemazinhos, que nem tal se deviam chamar.

Aqui vão 50\$00 para a casa do Manuel Laranjeira e do Eduardo! Queria mandar mais, mas só posso mandar esta «migalha» do que peço desculpa.

E peço também uma oração de vez em quando, apenas para que Deus me ajude a descobrir o meu verdadeiro caminho e a segui-lo, custe o que custar. Agradeça também que, se fizerem referência à carta, não refiram a localidade. Bem-hajem pela Vossa Obra, e pelo que ela nos ajuda a consciencializar-nos.

TOJAL

FESTA NO MONUMENTAL—Aten-

PELAS CASAS

Obrigadas, nós. Encomendas destas quem cá dera muitas. Outra Senhora pediu 3 naperons de riscado e três rústicos e mandou 100\$00.

Também cá recebemos outras cartas a perguntar o preço e as me-



DO GAIATO

ção senhores Lisboaetas! Na próxima quarta-feira, dia 20, é a nossa Festa no cinema Monumental. Quem ainda não tiver o seu bilhete faça favor de o requisitar nas bilheteiras do referido Cinema. A procura deles tem sido muito grande e pode ser que fiquem de fora se não andarem lestos. A festa é muito bonita e não se pode perdê-la. Atenção, pois.

SELOS USADOS—Confirmamos as encomendas do Porto entregues no Espelho da Moda e as que foram para Paço de Sousa. O Sr. Padre Carlos trouxe um grande embrulho deles. Portanto tudo foi entregue. Há ainda a registar as seguintes presenças: de D. Maria de Almeida, de Lisboa; de D. Lusa Esteves, também de Lisboa; de Américo Sampaio, ainda de Lisboa e que nos enviou 20\$00 e pratos; de D. Dolores F. J., de Coimbra. O Quadro d'Honra pertence, desta vez, à cidade do Porto. Os nossos parabéns. E até à próxima se Deus quiser.

CONFERENCIA—A nossa vida vicentina tem continuado com normalidade. Os confrades a cumprir o seu dever junto dos Pobres.

Recebemos 50\$00 de J. Gonçalves Pereira; 40\$00 de D. Fernanda Moraes, muito amiga dos nossos Pobres; 20\$00 de uma Avó.

A todos, os nossos Pobres agrade-cem.

Cândido Pereira

BELEM

Hoje tenho algumas boas notícias para dar.

A primeira senhora que comprou o jogo de naperons, já escreveu para cá a dizer que quer o jogo que eu ando a fazer, mas com cinco naperons. Eu já fiz os 3 maiores mas ainda tenho muito que dar aos dedos. Logo que estejam prontos lá vão ter.

Um Senhor também mandou este cartão, juntamente com 220\$00:

«Mandem-me por favor (se puderem) uma toalha e 6 guardanapos (a vosso gosto) e 2 naperons das mais pequeninas. Obrigado.»

Como deve haver mais pessoas interessadas em saber, resolvi responder aqui.

Os naperons de riscado, individuais, que temos, medem 45x33 e custam 12\$50. Os do centro da mesa medem 63x33 e custam 25\$00 cada. Também temos toalhas quadradas, da largura do riscado, com 6 guardanapos e custam 50\$00. Querendo mais guardanapos custam 5\$00 cada, assim como as sacas de guardanapos. Podem ser de riscado azul ou vermelho.

As toalhinhas ou naperons individuais de pano rústico medem 49x32 e custam 20\$00. Também temos naperons com 57x35, ao preço de 25\$00 e maiores com 62x40 a 30\$00. Os jogos de sala de jantar e os americanos formam-se com estes três tamanhos. O preço depende do número de naperons e da sua medida.

Todas as medidas são aproximadas, porque dependem da largura dos tecidos e do remate dos trabalhos.

Os panos de 5 agulhas é que estão esgotados, mas já começámos a fazer mais. Fazemos uns com linha grossa, brilhante, que ficam muito bem em mobílias rústicas. Medem de diâmetro aproximadamente, 30, 40 e 50 centímetros, e custam 10, 15 e 25 escudos. Não é preciso engomá-los e são de lavar e durar.

A nossa Mãe disse-me para avisar que quem tiver pressa é melhor ir bater a outra porta, porque as belezas dos bordados andam todas na escola e por isso trabalham muito devagar.

Em nome de todas vos agradeço.

Fátima

Nota: A última hora chegaram-nos dois pedidos feitos para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em cartas que tratavam outros assuntos. Calculem as senhoras as voltas e o trabalho que deram para chegarem até Belém. Agradecemos que todos os pedidos nos sejam feitos directamente.

Lar de Coimbra

FESTA — A ocupação e preocupação do nosso tempo livre e menos cheio vem sendo para a festa do

Caridade — Ruína

Ontem «passeei» Lisboa. Quis ver o que era antes e o que é agora. Eu passei por ali as «passas do Algarve», e por isso, aproveitei a ocasião de mergulhar o espírito na recordação do passado. Pouco mudou: à porta da Igreja onde assisti à Santa Missa, alguns rapazes pediam o tostãozinho e contavam e recontavam o apurado, pra ver quem tinha mais das pessoas que saíam da Igreja. Uns passavam sem dar o «tostãozinho», como que não ouvindo os pedintes; outros, depositavam nas mãos dos garotos uma moeda, no intuito de praticar um bem. Engano! Nós somos testemunhas do mal que um tostãozinho faz a um rapaz que pede esmola na rua. É um mal social este de dar tostões a quem pede. Eu digo, mesmo, que é falta de caridade. Quem assim procede está a corromper. Daqui a pouco temos todos os rapazes e raparigas pobres a pedir na rua, e porque angariam um «ordenado», os pais já não se preocupam em arranjar outro modo de vida aos filhos, nem estes querem, pois o «tostãozinho» não dá tanta canseira e rende mais. Já aqui dissemos mais vezes, que um mau hábito vai forjando vícios sem conta, e que esses vícios são a base culminante de muitos males que nós tentamos destruir. A Caridade manda amar.

Ora, este amar, consiste precisamente na nossa persistente preocupação pelo bem do nosso semelhante. E esse bem tem como base a educação, o nosso esforço em «corrigirmos os que erram», em termos de parte unicamente o bem-estar dum e fabricarmos o bem social.

Doi-nos ver agora uma criança a pedir na rua. Sim, doi. E não nos doi mais se a virmos, já crescida, sem outro modo de vida senão a pedincha?... Vês, nós podemos contribuir pró mal, num gesto que nos parecerá de bondade.

O tostão angariado na pedincha da rua, é o preço de muita ruína daqueles rapazes. E nós é que construímos essa ruína. Muitos pedem o tostãozinho de manhã, e à tarde vão regalar-se pró cinema. Ruína! A criança que pede na rua leva-a aonde haja de comer, e mata-lhe a fome; se anda com as carnes ó léu, leva-a a tua casa e veste-a, e diz-lhe do perigo do «tostãozinho».

Isto é Caridade.

Ernesto Pint o

Avenida. O dia 18 de Março aproxima-se, e nós não queremos ficar mal diante dos nossos amigos. Esperamos também que eles não nos deixem mal a nós. Queremos ver a sala cheia, os corredores cheios, as cochias cheias, como foi no ano passado. Assim é todos os anos no Coliseu, porque não há-de ser também no Avenida? É preciso fazer ver aos senhores tripeiros que nem só eles é que são... Desde o ano passado que temos três filas vendidas. Vamos a mais. Levem tudo antes do dia da festa, para que os atrasados aprendam a tomar tempo e horas...

Joaquim

Cantinho dos Rapazes

Continuação da página UM sem peias que é o ambiente propício ao desenvolvimento de toda a espécie de vícios e desmandos. Preferiu essa liberdade que, em vez de o libertar, o tornará escravo de si mesmo.

Regeitou a Liberdade com letra maíuscula de que gozava dentro das nossas paredes, a única capaz de o fazer realmente livre, libertando-o dos males de que enfermava.

E porque nós somos a Porta Aberta, escolheu o caminho mais fácil mas menos honroso: Fugiu sem dizer nada. Não tinha necessidade de proceder assim. Ninguém que vive dentro das nossas portas, se tiver um bocadinho de consciência, tem necessidade de proceder assim.

O Manel «Preto» veio para cá pequenino pelas mãos de um dos nossos, agora já lançado na vida. Em 24 de Maio próximo completa 17 anos. Esperto e vivo. Inteligente e simpático. Mas fechado por feitio.

A vós, os que estais constituído, em autoridade cá dentro da nossa comunidade, quero chamar a vossa atenção.

É neste ponto, mais do que em nenhum outro, que deveis realizar a parte do lema da vossa Obra— Pelos Rapazes—. Fazei esforço por dialogar com eles, mesmo os mais difíceis, pois ninguém melhor do que vós, se quiserdes, será capaz de dar os primeiros passos para o conhecimento íntimo de cada um deles. Valei-vos da vossa experiência; do conhecimento do ambiente que é o mesmo do deles. Ninguém melhor do que vós seria capaz de ver e falar na sua linguagem. Estai atentos. Sede Anjos da Guarda. Não fecheis os ouvidos ao primeiro sinal de alarme, mas sede sentinelas vigilantes como quem tem a consciência de que a salvação deles está em parte dependente de vós.

Os quase 17 anos do Manel «Preto» afligem-nos e roubam-nos o sono. Não estaremos descansados enquanto não o virmos outra vez junto de nós ou em lugar seguro.

Tudo isto coloquei sobre o Altar da nossa Missa desta manhã e recomendei-o muito ao Senhor.

P.e Manuel António

AVENIDA

DE

COIMBRA

18 de Março

As 21,30

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Telefone 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

Relatório de 1962

Embora os dias dos homens — muito especialmente os nossos dias — estejam nas mãos de Deus, a verdade é que nos sentimos mais abertos à expectativa do que há-de vir do que ao relato do que veio.

A «Obra da Rua» é, de sua natureza, redentora. Em relação a cada alma que Deus pôs no seu caminho, a Obra é portadora de uma promessa messiânica e a sua missão é semear a Esperança, que o esforço de cada um, fecundado pela Graça, fará frutificar em Vida — que é Cristo a viver em nós.

Todo o seu Deve e o seu Haver são estes pois: almas em que Jesus já vive; outras em que temos de fazê-lo viver.

Porque desta ordem as nossas contas, temos tanta dificuldade em dá-las. É que as realidades do espírito são irrepresentáveis por números. A santidade real é menos a perfeição objectivamente consumada do que a luta perseverante por atingi-la. Frágil é o nosso poder de julgar. Só Deus é juiz. Nós apenas pelos frutos percebemos a qualidade da árvore. E, às vezes, é a mais torta, a mais desajeitada, que os dá melhores. Outras..., duas árvores ali, lado a lado, na mesma terra, do mesmo plantio, de casta igual, dão frutos tão diferentes... Porquê? Quem é capaz de explicar?

Uma Família, os mesmos Pais, a mesma educação e os vários filhos tão vários... Qual a razão? Só a Liberdade e a Graça dão resposta e a Liberdade e a Graça são mistério.

É por isto que outras contas seria profanar — e as nossas são estas, viradas mais para o que havemos de fazer na partilha de redenção que nos compete, do que para aquilo que fizemos, pedindo a Deus perdão por não termos feito melhor e mais e agradecendo-lhe quanto fizemos.

Dentro deste critério, e começando pelas parcelas mais certas, diremos que o Calvário dirigiu e adoeceu a etape final para o Céu de 12 almas que Deus chamou a Si e das quais provavelmente, se haveria desentendido na Rua do Desespero em que as abandonaram os homens que lhes não foram irmãos.

P.e Baptista disse no passado jornal, o que pensam deste nosso negócio os sábios e prudentes do século. Bemaventurados os pequeninos, que estão mais próximos da Verdade e ainda não perderam o sentido do autêntico humanismo, que não pode ser outro senão a Verdade feita homem — que se chama Jesus Cristo.

Eles nos ajudaram a dirigir e a adoçar os últimos dias daqueles que partiram, mais dos que esperam o seu dia. E nós mesmos e eles, os pequeninos — que todos esperamos o nosso dia — nos vamos dirigindo para a meta final, docemente, tão mais docemente quanto Deus nos dá a Graça de adoçar o caminho dos irmãos.

Nós mais eles, cada qual no seu posto de acção, podemos levantar um novo e belo pavilhão para paralíticos, o salão de convívio, as dependências médicas e de farmácia; instalar aquecimento; continuar segundo edifício para paralíticos; começar outro para cancerosos; mobilar; urbanizar; alindar o que antes era pinheiral silvestre e hoje é jardim e parque para regalo dos doentes que podem descer a ele; sustentar uma Família que anda pelos 60 membros — tudo isto nós mais eles, cada qual consciente do seu papel na vida, que é sempre, seja qual for o posto, ser irmão dos outros homens, guarda dos outros homens, ao contrário de Caím, o desgraçado.

Vede lá o que seria perguntar agora quanto se gastou? Centenas de contos, muitas, talvez mais de um milhão... Mas que conta isso, diante do coração que pôs na Obra cada um dos que a tornaram possível? e do desvalor dos outros, os que acham desperdício gastar com condenados à morte?!... Como se tu e eu e eles não fôssemos também, mais tarde ou mais cedo, condenados à morte?!

O Calvário é terra sagrada pela Justiça e pelo Amor. Por isso nela se colhe a Paz. É a grande impressão que causa o Calvário: a serenidade que ali se testemunha. A grande dor, humanamente irremediável, que ali mora é moeda forte da felicidade para quem vive da Fé.

Por isso, ali, o sofrimento é tão simples, tão digno, já tão divino, que a gente sai envergonhado das nossas pequeninas dores, dos nossos impacientes gemidos; e acreditamos, como se fôra demonstrável por a + b, os dogmas da Comunhão dos Santos, da Remissão dos Pecados, da Ressurreição da Carne, da Vida Eterna.

Eis as nossas contas, o nosso saldo, a nossa maior riqueza.

×

Nas Casas do Gaiato, as parcelas são menos verificáveis. Trata-se de rapazes em formação. Como podemos nós colher os frutos antes que a natureza lhes dê maturidade?

Depois, a vida sobre a terra é luta. Eles têm uma vida à sua frente, que irão subindo e aprendendo, sem jamais terem exaurido dela a tentação de experimentar.

Que irá ser o homem que sai de cada rapaz? Às vezes há surpresas! Dão mais uns de quem menos se esperava; menos, outros de quem se esperava muito. Não é tanto entre uns e outros que comparo, como entre cada um e a medida que lhe é possível.

Não tenho dúvidas de que o nosso tempo não é tão mau como pintam. Há muita superficialidade, de que a juventude é antes vítima do que causa.

Nem mesmo quero dizer quem é a causa, nem tal sei. Parece-me mais justo frizar que a causa somos nós todos, são as estruturas, o ambiente que se respira, pouco oxigenado pelo espírito, cada vez mais envenenado pela matéria em decomposição e envenenador.

Os homens, a começar nos que se chamam grandes, que outro espectáculo dão aos pequenos que não caiba sob o título de orgulho, ou de cobiça, ou de egoísmo e, portanto, de colectiva desorientação?

Há-de ser então a juventude a reconstituir a harmonia pela reposição dos valores segundo a recta hierarquia?! E quem sabe?... Ele vê-se, consoladoramente, uma reacção, um extremar de campos. Há muita banalidade por aí; mas surgem igualmente grupos com aspiração de bem talvez como nunca! Por isso digo: Quem sabe se não será a juventude, pelo menos grupos soprados por sã juventude, quem restabelecerá a ordem nos espíritos?!

Pelo que ouvimos e vemos em tantas Famílias bem formadas, nós temos que dar graças a Deus pelo aproveitamento dos nossos rapazes. Mas parece-nos que estão longe de esgotar-se as possibilidades de muitos a respeito de uma vida vivida mais a sério na realização de um ideal.

×

Os resultados escolares nas nossas Escolas Primárias foram bons. Mas o presente ano lectivo está a correr desastrosamente em Beire onde de duas classes especiais criadas só funciona uma, quando funciona...; em Paço e Sousa, onde à data ainda estão sem escola trinta e tantos rapazes, escola que foi pedida em 2 de Outubro de 62 e se perdeu pelo caminho; e no Tojal, onde o Posto vem a coxear há vários anos. Temos escrito. Fomos. Falámos. Já tivemos esperanças. Agora não sabemos mais que fazer.

Os estudantes de Liceu e Escolas Técnicas deram razoável conta de si, menos os estudantes da noite do Lar do Porto, onde os resultados foram muito fracos.

×

Na tropa, no Ultramar, serve mais de uma vintena dos nossos rapazes. Só em Timor não há nenhum. Afim de ocuparem os seus empregos, seguiram para Lourenço Marques dois rapazes e para o Brasil outros dois. Mais dois esperam partir em breve, um para Moçambique, outro para Angola.

×

Vários foram os que se casaram. Deles demos notícias a seu tempo.

Graças a Deus que alguns lares felizes e bem alcançados, são penhor modesto, mas penhor, de um mundo melhor!

×

As obras nunca acabam em nossas casas. Porém, as mais volumosas foram as do Calvário, já referidas e as do Lar do Porto.

Ainda hoje não sabemos como, nem de onde surgiu o preciso para que naquele 17 de Janeiro de 62 em que assinámos a escritura da compra, pudéssemos liquidar o seu custo: 410 contos.

O fim de 61 fôra um bocadito atribulado em contas. Viamos com algum receio aproximar-se a data, há muito desejada transacção do Lar. Chegámos a procurar um Banco por um adiantamento. Pois não foi preciso. Na hora de entregar os 410, Deus tinha-os mandado sem nós darmos fé tal. E digo isto para que Lhe agradeçam connosco os que sentem connosco, e revigorem todos a nossa confiança na sua presença, única garantia necessária e suficiente à vida das pessoas e das «instituições» que outra finalidade não escolheram que não fosse revelá-lo.

Depois da compra têm sido as obras. A elas reservámos os peditórios nas igrejas do Porto em 1962, mais as Festas no Porto e em Braga, mais a Queima das Fitas. Para a sua continuação, continuamos a pedir este ano que corre. E nem direito nos concedemos para duvidar de que o Senhor nos há-de ajudar a levá-la ao fim.

Em Miranda do Corvo principiou e vai no 1.º andar a casa para os mais velhos. P.e José Maria terminou na Ericeira, a casa começada no verão de 61 e levada a termo pelos nossos rapazes, que aqueles dois anos tiveram colónia balnear uma jornada de trabalho. Agora melhor lhes saberão os frutos!

Em Setúbal terminaram as obras da vacaria, salão de festas, instalações para os mais velhos e começou-se a casa para o Ernesto Pinto. Agora toda a atenção e disponibilidades de P.e Acílio se viram para o Lar a construir em Setúbal, em cujo projecto o nosso arquitecto já está trabalhando. Mas este pertence mais ao futuro!

×

Embora Belém seja oficialmente e efectivamente uma obra autónoma, porque sempre «O Gaiato» foi para ela um órgão de respiração, aqui lhe dedicamos uma palavra!

Após quatro anos de vida cuja pujança é uma realidade imparável, «Belém» venceu a primeira etape de crescimento: Troca a casa pequenina em que nasceu por outra maior em que há-de expandir a sua juventude.

Veio o suficiente para a primeira prestação da compra. E a compra realiza-se sem receio de nenhuma das partes, tal a força do aval: A misericórdia de Deus que deu o incremento e sustentou aquela Família de vinte raparigas, durante estes anos.

Mais ansiosamente se espera — e essa é a prece dos verdadeiros amigos de Belém — que neste passo de crescimento da Obra, Deus suscite mais vocações ao lixo das ruas.

×

Do Património dos Pobres nada dizemos à guiza de relatório, pois que já fizemos na Carta Aberta, há tempo publicada.

×

Terminamos com o pensamento do começo. Abertos para o que há-de vir, na expectativa de grandes dons de Deus que havemos de pagar na moeda da contradição, pedimos ao Senhor fidelidade à nossa vocação e a pequenez em que só Ele cabe.

Teatro

Luisa Tody

20 de Março

Às 21,30

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro, na Papelaria Campos, Largo da Misericórdia e Lar do Gaiato, Av. Luisa Tody 38.1.º